

MIA COUTO: PARA DESCOBRIR MOÇAMBIQUE

Ana Gabriela Antunes RIBEIRO¹

COUTO, Mia. **O último vôo do flamingo**. Lisboa: Caminho, 2000.

De acordo com antigas lendas do imaginário africano, o flamingo é um animal cujo vôo representaria a esperança, a possibilidade de obtenção futura de um estado favorável, do desejado. É justamente ao alçar de asas desta emblemática ave que o escritor moçambicano Mia Couto faz referência no título de seu romance *O último vôo do flamingo*, ainda sem edição brasileira, o último volume de uma trilogia (integrada também pelos volumes *Terra sonâmbula* e *A varanda de Frangipani*).

O enredo, no qual se fundem realidade e magia, tem como ponto de partida a presença em Tizingara, pequena povoação algures em Moçambique, dos **capacetes azuis**, ou seja, os Onomuz, soldados das Nações Unidas enviados para o país nos primeiros anos do pós-guerra a fim de vigiarem o processo de pacificação. Tudo parece correr bem, até que, inexplicavelmente, estes soldados começam a explodir, sendo que de seus corpos só restariam intactos os órgãos genitais decepados. A **estória**, como prefere Mia Couto remetendo-se a Guimarães Rosa, inicia com a chegada de um enviado da ONU, o italiano Massimo Risi, para investigar as estranhas mortes. Quem no-la vai narrando é um habitante local, o tradutor da vila, nomeado para auxiliar o estrangeiro em suas perscrutações. O que se segue a partir de então é uma imersão gradativa num universo onde se fundem o racional e o mágico, o Ocidente e o universo fantástico das veredas africanas, no qual o leitor, que, assim como Risi, representaria a alteridade, passa a se perder gradativamente, privado de seus pressupostos, percepções e referências. O italiano, preocupado em concluir de maneira crível as suas investigações, acaba por frustrar suas expectativas, sendo obrigado a aceitar depoimentos que mais parecem conter em seu bojo elementos oníricos que fatos verídicos propriamente ditos.

O processo de construção do romance remonta à oralidade presente nas narrativas tradicionais, as quais preponderam na literatura moçambicana até os dias de hoje, talvez um sintoma de um país que, até a sua independência em 25 de junho de 1975, tivesse uma população de 90% de analfabetos. A linguagem de Mia Couto é marcada por um processo ao qual ele próprio dá o rótulo de **brinciação**, ou seja, a recriação lúdica do léxico do português, que muitas vezes não lhe parece suficiente para abarcar a contento tudo aquilo que deseja expressar. A fusão do português culto e de palavras

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP – gabiantunes@yahoo.com.br.

em dialeto africano, além da inserção dos neologismos, promove uma ruptura com a tradição literária ocidental, que aparece aqui mais flexibilizada, desarticulada e – por que não? – mais rica. Diante do texto de Couto, torna-se praticamente impossível não nos remetermos a Guimarães Rosa, e não sem razão. A respeito das influências literárias de sua geração em Moçambique, Mia Couto já afirmou em entrevista que a literatura brasileira foi preponderante, e dentre nossos autores cita nomes como Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Drummond e, destacadamente, Rosa, Manoel de Barros e João Cabral de Melo Neto. Não podemos dizer que a familiaridade da obra de Couto com a roseana restrinja-se ao âmbito formal. A desconstrução do léxico tradicional, que conduz à poetização da narrativa, parece em ambos os autores dar ensejo à configuração de um universo mítico, popular, no qual não têm validade as leis que regem o pensamento ocidental, como as noções de espacialidade e temporalidade – o **sertão** de Rosa é o mundo, como também o é a Tizingara de Mia.

A mitologização da realidade é com frequência inserida no texto, a exemplo do episódio em que é contada a estória de Temporina, a **velha-moça** que seduz o italiano. Reza a lenda nativa que as mulheres que passam da idade de casar sofrem o efeito de uma maldição, tendo seus rostos magicamente envelhecidos, enquanto o corpo conserva todo o viço da juventude. Esta e outras figuras da tradição popular moçambicana fazem-se presentes, permeando o texto, e ajudando a conferir a este seu caráter fantástico.

O contraponto entre as figuras femininas e as masculinas presentes no romance parece conduzir-nos à oposição África *versus* Ocidente. Importantes figuras femininas, como a já anteriormente mencionada Temporina, e também a prostituta Ana Deusqueira, parecem fazer frente às personagens masculinas. Poderíamos dizer que a mulher corresponderia metaforicamente ao universo mítico africano, ao solo materno, como uma espécie de Gaia, enquanto os homens estariam na esfera do racional, do cronológico e, logo, do Ocidente, desmiticizado.

Como já mencionado anteriormente, a grande problemática do texto seria o resgate da identidade nacional. Ora, após o fim da ditadura de Salazar em Portugal, as colônias africanas passaram a ser territórios livres e, como afirma Couto, Moçambique não estava acostumado com a liberdade, do que adviriam sérios conflitos civis. Passada a guerra, e já sem o jugo português, o país acabou por se tornar flexível às influências estrangeiras, mais acentuadamente a dos países de língua e cultura inglesa. A grande questão que advém dessa abertura consiste na vulnerabilidade da cultura tradicional, não apenas de Moçambique, como também de todos os povos que se mantêm à margem do mundo globalizado. Não que a ameaça de aculturação já não estivesse presente no período da colonização portuguesa, mas no mundo contemporâneo este perigo parece se mostrar ainda mais iminente. Abrir-se a uma aldeia global pode significar, também, perder-se, abandonar sua identidade em meio a uma massa de novas informações, dentre as quais só preponderariam aquelas advindas de culturas

economicamente favorecidas. Este é um dos grandes dilemas levantados, por exemplo, na literatura portuguesa contemporânea, fazendo-se presente na obra de José Saramago, António Lobo Antunes, dentre outros expoentes.

No romance de Couto, o desfecho não nos parece nada alentador. Num mundo em que não há barreiras para o possível, dá-se um fato que nunca se viu – um país inteiro desaparece num buraco negro. Um dos últimos episódios é aquele em que o velho Sulplício, pai do tradutor-narrador, despe-se de seus ossos e os pendura numa árvore – o que poderíamos interpretar como uma metáfora para o cansaço e o desalento. Após esta personagem, que pode ser vista como uma representante típica do povo moçambicano, render-se ao seu cansaço, segue-se o desaparecimento do país. Apesar do alerta desanimador, parece haver ainda uma esperança: sentado no abismo, às margens do fim do mundo, embora o flamingo tenha hipoteticamente feito o seu último vôo, como nos indica o título, nosso narrador parece esperar que ele ainda regresse.

Se nos reportarmos à função mágica do ato de narrar, capaz de manter viva uma realidade enquanto sua estória estiver sendo contada, poderemos fitar o futuro com olhos mais amenos – enquanto houver um narrador, e sua narrativa se mantiver atualizada, relida, presente no tempo cíclico do mito, Moçambique não terá desaparecido. Para tanto, é preciso reatualizarmos sua memória, reavivando-a. Faz-se necessário, enfim, descobrirmos Moçambique – parente nossa distante em espaço, mas afim tanto em cultura quanto em relação aos fatores que a ameaçam. Até porque, ao que parece, intrépidos navegantes de Moçambique já descobriram o Brasil.

■ ■ ■